negro drama

Narrativas estudantis negras, Educação Física escolar e educação étnico-racial

NEGRO DRAMA: NARRATIVAS ESTUDANTIS NEGRAS, EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

IZAÚ GOMES

Sumário

Agradecimentos 7
Apresentação 9
Entre frases, fases e várias etapas 13
I. Bea 22
II. Camila 26
III. Izabella 30
IV. Victória 34
V. Isadora 39
VI. Izaú 43

Entre o não mais branco e o ainda não para a educação das relações étnico-raciais 55
Não é conto, nem fábula 63
Lenda ou mito 64
Referências 73

Esse trabalho é escrito hoje graças à luta de muitos e muitas que vieram antes de mim, abriram caminhos e me permitiram estar hoje onde estou. Assim, agradeço a todos e todas essas pessoas, familiares ou não.
Agradeço a todas e todos que se envolveram nesse tempo presente de alguma forma.
À Bea, Camila, Izabella, Isadora e Victória.
Aos estudantes queridos de Contagem Emylle, Eduardo, Giulia, João, Layza e Paulo.
Ao meu orientador, Admir.
E a você que está lendo.

APRESENTAÇÃO

Acho que é isso. O professor é humano. Um humano que tem ou já teve em algum momento a vontade de transformar a sociedade, de transmitir conhecimentos, de aprender, de permitir interações, de dar continuidade a uma cultura, de reproduzi-la, de reconstruí-la, de formar valores, é um humano que trabalha com a capacidade de ensinar, mas que como qualquer outro ser humano tem família, contas a pagar, fome, sede, revoltas, amor, ciúmes, doenças, preferências musicais e sexuais, tem seu estilo de se vestir, possui conhecimentos e vivências únicas...é bípede...tem um telencéfalo "muito" desenvolvido junto de seus polegares opositores...

...e alunos. (Diário de Estágio, 16/06/2012)[1]

Compartilhar experiências (BENJAMIN, 1994) por meio de narrativas sobre educação física e educação para as relações étnico-raciais, esse é o objetivo desse livro. Fruto de um processo de meu processo de pesquisa de mestrado[2] e da minha carga de experiências enquanto professor. Não pretendo aqui trazer uma grande discussão academicistas sobre o trabalho, busco, de uma forma mais direta, trazer provocações que possam nos mobilizar, mais como Ali fazendo mover seus adversários e menos como Discóbolo, ser estático e inanimado.

---

1. Escrito retirado de diário de estágio produzido entre os anos de 2012 e 2013)
2. Aqui apresenta-se um recorte do trabalho desenvolvido em meu mestrado em educação, intitulado: " NEGRO DRAMA: Narrativas estudantis negras, Educação Física escolar e educação étnico-racial"

Toda essa carga de experiências docentes que venho acumulando, vem me fazendo refletir a todo momento sobre uma nova epistemologia para uma educação física que também se faça antirracista e para meu trabalho de professor. Tenho uma crença fundamentada de que nosso trabalho vai além de uma perspectiva conteudista e de que os estudantes também são sujeitos ativos desse processo de compartilhar culturas e refletir sobre o mundo.

Ele perpassa o corpo e o corpo é também identidade. É preciso falar dos saberes constituídos pelo corpo e o corpo negro, por sua vez, carrega muitos saberes identitários e estético-corpóreos que historicamente tensionam as relações de poder nesse país e nos ensinam muito (GOMES, 2017).

Diante dessas experiências escolares que me atravessam cotidianamente nos últimos seis anos e na minha luta antirracista é que trago as questões: de que forma, em meu contexto específico da Educação Física escolar, essa disciplina se manifesta para esses estudantes negros e negras? O que poderia ser diferente e ressignificado?

Nesse sentido, percebendo esses inúmeros e ricos acontecimentos do cotidiano escolar que são suprimidos e ocultos pela formalidade e mecanicidade da escrita na escola, é que resolvi investigar de que maneira tem se dado a relação dos sujeitos educandos negros e negras com a Educação Física escolar e quais são as suas contribuições para o ensino da cultura e história africana e afro-brasileira.

Essas estudantes têm muito que contar, pois são cotidianamente as mais silenciadas por todo o espaço escolar e por toda estrutura racista que nos silencia vivos ou, quando ousamos ocupar outros espaços de poder e falar de nossas histórias e dores, nos silencia com a morte.

Mas esse silenciamento não nos trará mais de forma alguma para o campo do ausente. Esse trabalho é escrito hoje graças a luta de muitos e muitas que vieram antes de mim, abriram caminhos e me permitiram estar hoje onde estou. Esse trabalho é fruto de uma luta coletiva negra, de vozes e corpos que lutaram, cantaram, gingaram, dançaram, trabalharam, estudaram e que ainda o fazem para ressignificar suas histórias e a de seus irmãos e irmãs.

Para além disso, resgatar a potencialidade de expressão por meio da narrativa, valorizando a centralidade desses sujeitos é ressignificar nosso olhar. Nela, e de maneira singular, são desvelados os modos como cada experiência vai marcando a vida de cada sujeito e, na trama formada por essas teias de histórias, como é possível repensar, constantemente, a Educação Física e, consequentemente, a escola para uma educação das relações étnico-raciais.

A partir dessa experiência, novas questões surgiram inquietações norteadoras da proposta: como os sujeitos educandos negras e negros tem percebido/vivenciado a Educação Física seu cotidiano escolar? Em quais aspectos a Educação Física tem contribuído para a educação étnico-racial?

Espero que esses questionamentos e as narrativas que virão a seguir, possam de alguma forma evidenciar possibilidades de contribuições da Educação Física escolar para a educação das relações étnico-raciais.

A pesquisa ancorou-se numa perspectiva narrativa (BENJAMIN, 1994) e o texto constitui-se de narrativas autobiográficas (SUÁREZ, 2007) de cinco estudantes negras e um professor, construídas num processo inspirado no ateliê biográfico de projetos (DELORY-MOMBERGER, 2006).

Durante o processo de escrita, reescrevemos nossas histórias em pequenos folhetos que serviram como diários estéticos. Neles inserimos nossas escritas de forma poética, com nossa estética e intencionalidade, revelando também, em pequenos pedacinhos, um mosaico de nossas experiências e identidade. Revelamos um pouco desse nosso processo na primeira parte do texto (Entre as frases)

Após essa primeira exposição, seguem as narrativas escritas (Fases e várias etapas) produzidas (Bea, Camila, Izabella, Victória, Isadora e uma pessoal) a partir de nossas escrevivências[3] (EVARISTO, 2017) sobre a Educação Física escolar.

Por fim, trago breves reflexões ancoradas em alguns trechos dessas narrativas que buscam dialogar com uma outra perspectiva para a educação física escolar pautada na educação para as relações étnico-raciais (Não é conto, nem fábula/ Lenda ou mito).

---

3. Conceito cunhado pela escritora Conceição Evaristo. Em entrevista concedida para a revista Conexão Literatura a autora diz que:"Enquanto um processo criativo pode se dar pelo olhar de "uma patroa ou patrão", que na porta do quarto da empregada olha para a personagem lá dentro, para a construção da mesma, o processo criativo que experimento, por injunções de uma história particular e coletiva se torna outro. Trago outra vivência, a minha fala nasce de dentro do quarto da empregada. Posso ser a própria empregada falando, escrevendo, concebendo uma personagem de si própria. Escre(vendo) se. Escrevivendo-se. Escrita e vivência. Vivência como sumo da própria escrita. Escrevivência. " (EVARISTO, 2017)

ENTRE AS FRASES, FASES E VÁRIAS ETAPAS

PSICOPATA FÍSICA

BEA

Ana Beatriz Franfes, 17 anos, estudante do 2º ano do Ensino Médio, artista e cozinheira amadora.

CAMILA

Meu nome é Camila, sou uma jovem preta de 17 anos e estou no 3º ano do Ensino Médio.

IZABELLA

Sou Izabella, mais conhecida como Bella, tenho 16 anos e moro em Belo Horizonte. Sou apaixonada por música, cinema e fotografia. Desde cedo tive que aprender a ser uma pessoa independente, entretanto não foi sempre que me reconheci como negra e isso me afetou em vários sentidos. Hoje busco empoderar e mostrar às pessoas negras todo seu potencial, beleza e valor.

VICTÓRIA

Meu nome é Victória Beatriz, vim ao mundo no dia 3 de abril de 2001, vivi a vida inteira na zona leste de BH, fui criada sozinha pela minha mãe e meus avós maternos. Não posso dizer que sempre fui a pessoa que sou agora, porque apesar de na maior da minha vida não ter sido assim, hoje eu amo quem eu sou.

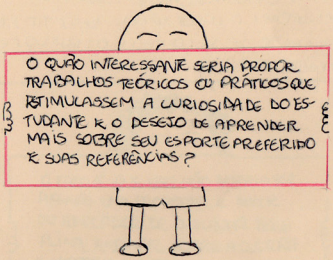
ISADORA

Sou Isadora, 16 anos, mulher negra ativista, nascida em Belo Horizonte, filha do cantor/compositor Neghaum Kontraste e da Lau Kontraste. Estudante de teatro e pintora nas horas vagas. Participante da entidade JCONEN que organiza eventos para a população jovem negra, seja educativa ou cultural.

O PROFESSOR

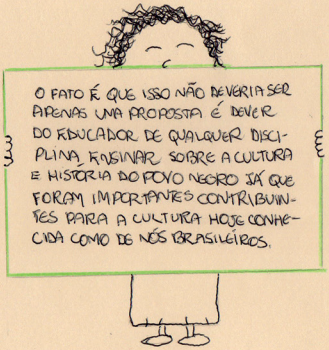
IZAÚ

Izaú Veras Gomes, professor de Educação Física do 3º ciclo, envolvido com a cultura hip-hop, com as manifestações culturais da dança e da capoeira, gosta de funk...militante do movimento negro, gosta de livros, ama música e é violonista amador.



OS ESPORTES, JOGOS E DANÇA SÃO ELEMENTOS QUE FAZEM PARTE DA CULTURA DOS DIFERENTES POVOS. SERIA MAIS ADEQUADO QUE TODOS OS PROFESSORES ESTIVESSEM DISPOSTOS A DAR AULA E NÃO APENAS ESTAR PRESENTES NO HORÁRIO ESCOLAR. AS AULAS NORMALMENTE SÃO APENAS FUTEBOL (PARA OS MENINOS) E QUEIMADA (PARA AS MENINAS OU MISTA) O QUÃO ENRIQUECEDOR SERIA CONTAR À TURMA SOBRE A HISTÓRIA DESSES E OUTROS ESPORTES E SOBRE IMPORTANTES PERSONALIDADES PERTECENTES DE MINORIAS QUE AJUDARAM A CONSTRUÍ-LOS?

NÃO DEVERIA SER TÃO DIFÍCIL INTRODUZIR ESSE TIPO DE PAUTA NAS AULAS. DAR AULAS SOBRE ESPORTES E JOGOS RELACIONADOS E CRIADOS PELO POVO NEGRO SÓ TRARIA CONSEQUÊNCIAS POSITIVAS PARA O PROFESSOR. A AULA SERIA MAIS CATIVANTE. CRIANÇAS NEGRAS SE SENTIRIAM REPRESENTADAS E PROVAVELMENTE TODOS SE DIVERTIRIAM E COMPREENDERIAM A IMPORTÂNCIA DESSE TIPO DE AULA. É RECONFORTANTE SE RECONHECER EM QUALQUER LUGAR PRINCIPALMENTE NO AMBIENTE ESCOLAR.



BEA

Eu nunca dei muita importância ao fato de não ter muitos amigos e até me sentia melhor sozinha com minhas coisas e pensamento, mas é claro que tem diferença entre indiferença e rejeição. Sofrer racismo dói mais que qualquer outra coisa. A dor de perceber que a professora ligava muito mais pra um arranhão na minha colega branco do que pro meu pé quase quebrado na aula dela, foi maior que a do pé em si.

Perceber que a professora só gostava de fazer carinho em cabelos de raiz lisa doeu também.

Ser questionada se eu colei todas as vezes que tirei nota alta doeu também. A escola é um lugar cruel, crianças e adultos brancos são cruéis, o racismo é cruel.

A educação física nunca teve papel na minha vida e infelizmente me marcou de forma negativa apenas. A diferença de tratamento entre eu e minhas colegas brancas, a falta de representatividade na teoria e na prática, ser sempre a última a ser escolhida e o descaso de alguns professores com a aula, foram fatores que me fizeram perder totalmente o interesse na matéria.

A educação física é uma matéria como qualquer outra e o professor deve, ou pelo menos deveria, informar, ensinar e despertar o interesse de todos os seus alunos e não de apenas um grupo. Eu nunca refleti muito sobre isso, mas tenho certeza de que se fosse abordada a temática de negros no esporte e na história do esporte, eu, e outras crianças negras que se sentem da mesma forma, nos interessaríamos mais pela aula.

Os esportes, jogos e dança são elementos que fazem parte da cultura dos diferentes povos. Seria mais adequado que todos os professores estivessem dispostos a dar aula e não apenas estar presente no horário escolar. As aulas normalmente são apenas futebol (para os meninos) e queimada (para as meninas ou mista). O quão enriquecedor seria contar a turma sobre a história desses e outros esportes e sobre importantes personalidades pertencentes de minorias que ajudaram a construi-los?

O quão interessante seria propor trabalhos, teóricos ou práticos que estimulassem a curiosidade do estudante e o desejo de aprender mais sobre seu esporte preferido e suas referências?

O que gostaria de aprender?

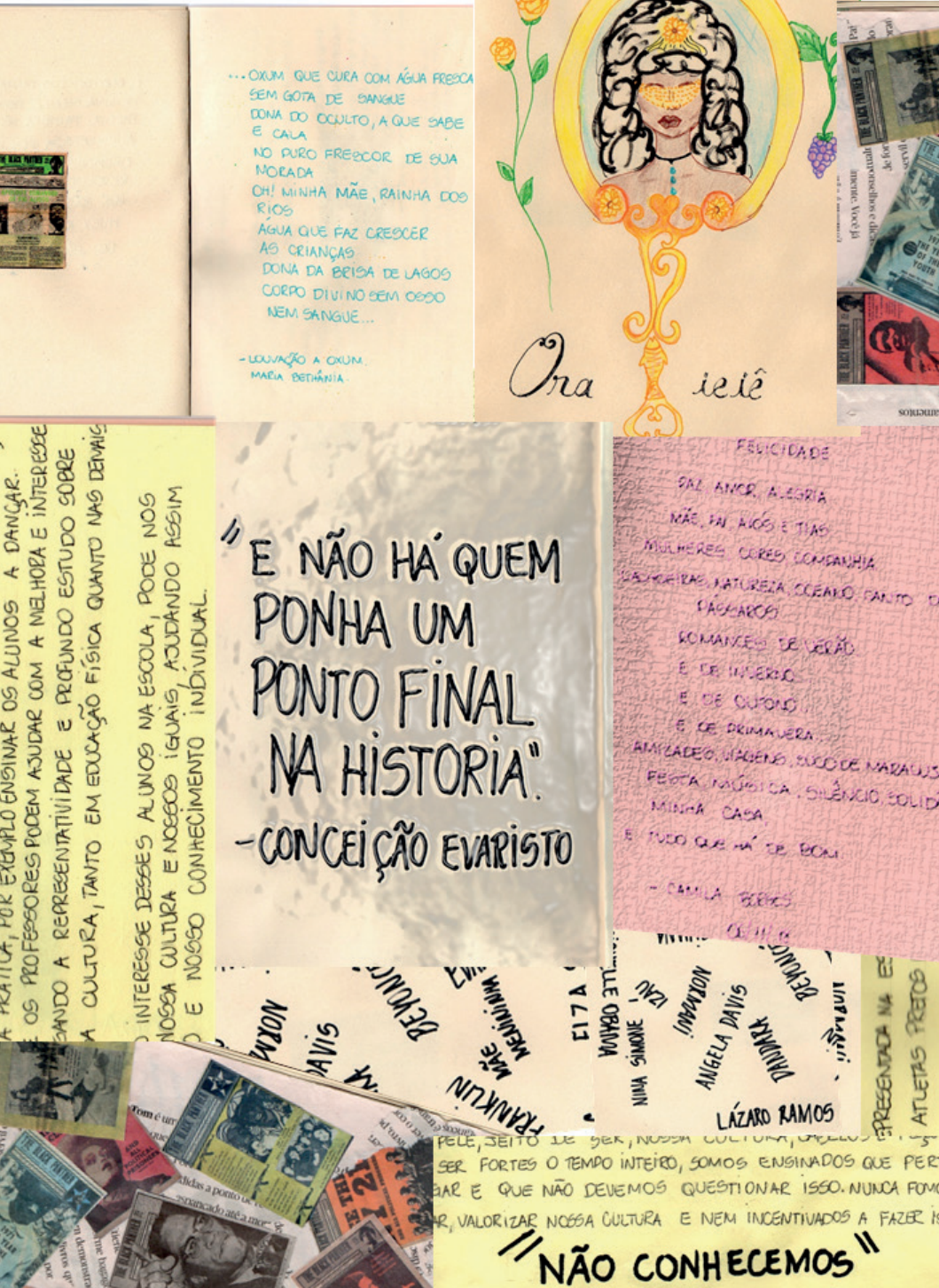
Um dos poucos esportes que despertam meu interesse é o Basquete. Talvez por ser um esporte em que predominam jogadores negros e é também um meio de ascensão de pessoas da periferia como o futebol, o funk e o RAP. Além disso, o basquete me transmite diversão e uma certa confiança. Das poucas vezes que o pratiquei, me saí melhor do que normalmente me saio em outros esportes em equipe.

Aprender a parte mais teórica do Basquete também seria interessante como a história do jogo, as regras, as personalidades que ajudaram a construí-lo, o contexto em que ele é inserido no Brasil, etc. Acho que também seria divertido e um meio de incentivo trazer uma proposta de talvez criar outro jogo tento como base o Basquete.

O contato com jogadores de Basquete, assistir um jogo ao vivo, conhecer comunidades onde o esporte está inserido e possui influência também enriqueceria o aprendizado.

Não deveria ser tão difícil introduzir esse tipo de pauta nas aulas. Dar aulas sobre esportes e jogos relacionados e criados pelo povo negro só traria consequências positivas para o professor: sua aula seria mais cativante, crianças negras se sentiriam representadas e provavelmente todos se divertiriam e compreenderiam a importância desse tipo de aula. É reconfortante se reconhecer em qualquer lugar principalmente no ambiente escolar.

O fato é que isso não deveria ser apenas uma proposta. É dever do educador de qualquer disciplina ensinar sobre a cultura e história do povo negro já que fomos importantes contribuintes para a construção da cultura hoje conhecida como de nós brasileiros.


...OXUM QUE CURA COM ÁGUA FRESCA
SEM GOTA DE SANGUE
DONA DO OCULTO, A QUE SABE
E CALA
NO PURO FRESCOR DE SUA
MORADA
OH! MINHA MÃE, RAINHA DOS
RIOS
ÁGUA QUE FAZ CRESCER
AS CRIANÇAS
DONA DA BRISA DE LAGOS
CORPO DIVINO SEM OSSO
NEM SANGUE...
- LOUVAÇÃO A OXUM.
MARIA BETHÂNIA.
Ora ieiê
FELICIDADE
SAL, AMOR, ALEGRIA
MÃE, PAI, AVÓS E TIAS
MULHERES, CORES, COMPANHIA
CACHOEIRAS, NATUREZA, OCEANO, CANTO DOS PÁSSAROS
ROMANCES DE VERÃO
E DE INVERNO
E DE OUTONO
E DE PRIMAVERA...
AMIGADEO, VIAGENS, SUCO DE MARACUJÁ
FESTA, MÚSICA, SILÊNCIO, SOLIDÃO
MINHA CASA
E TUDO QUE HÁ DE BOM.
- CAMILA BORGES
"E NÃO HÁ QUEM PONHA UM PONTO FINAL NA HISTORIA".
-CONCEIÇÃO EVARISTO
A PRÁTICA, POR EXEMPLO ENSINAR OS ALUNOS A DANÇAR.
OS PROFESSORES PODEM AJUDAR COM A MELHORA E INTERESSE
SANDO A REPRESENTATIVIDADE E PROFUNDO ESTUDO SOBRE
A CULTURA, TANTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA QUANTO NAS DEMAIS
O INTERESSE DESSES ALUNOS NA ESCOLA, PODE NOS
NOSSA CULTURA E NOSSOS IGUAIS, AJUDANDO ASSIM
O E NOSSO CONHECIMENTO INDIVIDUAL.
FRANKLIN
MÃE
MENINIM
BEYONC
NORM
DAVIS
NINA SIMONE
LÉLIA
GONZALEZ
ANGELA DAVIS
DAMARA
BEYONC
LÁZARO RAMOS
PELÉ, SEITO DE SER, NOSSA CULTURA,
SER FORTES O TEMPO INTEIRO, SOMOS ENSINADOS QUE PER
GAR E QUE NÃO DEVEMOS QUESTIONAR ISSO. NUNCA FOM
AR, VALORIZAR NOSSA CULTURA E NEM INCENTIVADOS A FAZER
ATLETAS PRETOS
"NÃO CONHECEMOS"

CAMILA

Meu nome é Camila, sou uma jovem preta de 17 anos e estou cursando o 3º ano do Ensino Médio.
O racismo e falta de representatividade sempre estiveram presentes na vida de pessoas pretas, principalmente na escola, onde muitas crianças e jovens pretos passam grande parte da vida.

Desde o nosso nascimento somos ensinados que devemos odiar nossa cor de pele, jeito de ser, nossa cultura, cabelos, feições e que não devemos questionar isso. Nunca fomos ensinados a nos amar, valorizar nossa cultura e nem incentivados a fazer isso.

Negros e negras desde pequenos são ensinados a serem fortes o tempo inteiro, são ensinados que pertencem a um certo lugar e que não devem questionar isso. Homens negros são ensinados que precisam performar a masculinidade o tempo todo, as mulheres negras são ensinadas que devem carregar o mundo nas costas e crianças negras são ensinadas a se odiarem e odiarem seus corpos, cabelos, físico e etc.

A mulher negra desde pequena aprende que não serve para o amor, não serve para ser amada. Desde sempre é ensinada que deve seguir um padrão, seja na maneira de se comportar, de falar ou de ser. Isso afeta muito toda a vida de uma mulher negra. Se você não seguir tais padrões , será considerada insuficiente e se segui-los, sofrerá da mesma maneira.

A menina negra na escola, onde passará boa parte da vida, nunca se sentirá suficiente para os meninos, não será bonita o suficiente, não se sentirá inteligente o suficiente. A autoestima estará praticamente abaixo do zero.

A falta de representatividade tem grande parte na baixa autoestima de pessoas pretas. Afinal, como seremos bons ou teremos interesse em algo que ninguém que podemos nos identificar fez?

Durante todos os meus anos na escola, nunca me senti representada. Claro que existe uma pequena representação e estudo sobre a cultura negra, mas nada profundo o suficiente.

Em educação física, nunca aprendi sobre atletas pretos e como contribuíram nos esportes. Isso gerou um grande desinteresse da minha parte com a matéria e esportes em geral.

O que gostaria de aprender?

Eu me identifiquei com o HIP-HOP porque é algo que faz parte da minha vida diariamente. É algo que fez grande diferença para pessoas pretas. Acho que seria interessante juntar a Educação Física com outras matérias como Artes e História para que possam ensinar o HIP-HOP na teoria e na prática.

Nas aulas de História poderíamos estudar a história do HIP-HOP, como foi criado, por quem foi criado. Em Artes poderíamos estudar como o HIP-HOP influencio movimentos sociais artísticos, se foi uma maneira de resistência das pessoas pretas em diversas partes do mundo.

Em Educação Física poderíamos passar para a prática, ensinar e explicar as diversas maneiras de dançar HIP-HOP e fazer por exemplo uma batalha de HIP-HOP. Fazer isso de maneira divertida faria os alunos se interessarem e gostarem de aprender.

Acredito que a escola e professores podem ajudar com a melhora na educação e interesse de crianças e jovens pretos usando a representatividade e profundo estudo sobre nossos antepassados e nos-

sa cultura, tanto em Educação Física quanto nas demais matérias. Além disso aumentar o interesse desses alunos na escola, pode nos ensinar a nos amar, amar nossa cultura e nossos iguais, ajudando assim a aumentar nossa autoestima e nosso conhecimento individual.

Eu gostaria de ter aulas sobre o samba, tanto na dança, quanto na música e na história. Essas aulas poderiam ser dadas ao longo de todo o período do ensino fundamental e médio. Com mais aprofundamento no ensino médio.

esportes, ou não enfrentia comp
te as regras. Participava apenas

DIVERSÃO

Sou Izabella,

ndo eu não poder
ar mais na avenida
ando as minhas pernas
ão puderem aguentar
Levar meu corpo
Junto com meu samba
O meu anel de bamba
Entrego a quem mereça usar

morrer

ESCOLA

A escola é um espaço de vivên
tudo o que acontece fora dela, seja
no trabalho, na rua, acaba refletindo
espaço e é essencial que todo corpo
til tenha consciência disso.

O modelo atual da
brasileiras é o da ex
meritocracia. Se você
guiu uma boa nota
as matérias, você é

IZABELLA

Sou Izabella, mais conhecida como Bella, tenho 16 anos e moro em Belo Horizonte. Sou apaixonada por música, cinema e fotografia. Desde cedo tive que aprender a ser uma pessoa independente, entretanto não foi sempre que me reconheci como negra e isso me afetou em vários sentidos. Hoje busco empoderar e mostrar às pessoas negras todo seu potencial, beleza e valor.

A escola é um espaço de vivências e tudo o que acontece fora dela, seja em casa, no trabalho, na rua, acaba se refletindo nesse espaço e é necessário que todo o corpo estudantil tenha consciência disso. A escola tem o poder de tornar as coisas mais fáceis ou mais difíceis, só depende da maneira como lidam com cada situação.

O modelo atual das escolas brasileiras é o da exclusão, da meritocracia. Se você conseguiu uma boa nota em todas as matérias, você é ótimo, caso contrário, você não vai ser ninguém na vida, ou você é malandro, sem ao menos se preocupar com os reais motivos para aquilo estar acontecendo.

Uma situação que podemos observar nas escolas, principalmente no ensino fundamental, são as punições. Um exemplo é quando algum aluno faz algo errado, vai contra alguma regra, ou até mesmo por baixas notas, ele recebe como punição ficar sem a aula de educação física. Basicamente tiram uma das poucas coisas que aquela criança tem para se divertir, se distrair de algum possível problema que esteja passando, provavelmente o deixando ainda mais frustrado e triste.

Na minha vida acadêmica, sempre gostei de participar das aulas práticas de educação física, mas nunca fui boa com os esportes, ou não entendia completamente as regras. Participava apenas por diversão.

Quando entrei para o ensino médio, minhas aulas foram divididas em práticas e teóricas. No início foi bastante estranho, afinal, educação física não era somente "brincar" de algum esporte?

Porém, como o tempo, fui entendendo que não era somente aquilo. Assim como na matemática, em que você não pode simplesmente resolver uma equação, é necessário entender o porquê de estar fazendo aquilo, na educação física também.

Nesses anos, tive a oportunidade de saber que não são somente esportes, mas também danças, lutas, etc. Trazer a história dessas vertentes muitas vezes é trazer a cultura negra para dentro da sala de aula.

Se, por um acaso do destino, um dia eu viesse a ser professora de educação física, tentaria mostrar para os alunos as histórias por trás de cada esporte, dança, luta, jogos, etc. Existem várias maneiras de se fazer isso, tanto com palestras, conteúdos da internet, pesquisas feitas pelos alunos e por aí vai. Como professora também teria o dever de perceber os atos (que são bastante comuns) entre os estudantes como, por exemplo, racismo, machismo, homofobia, xenofobia e outros, e tentar não só ajudar as vítimas, mas principalmente mostrar ao agressor que aquilo é errado, que machuca outras pessoas.

O que gostaria de aprender?

Eu gostaria de ter aulas sobre o samba, tanto na dança quanto na música e na história. Essas aulas poderiam ser dadas ao longo de todo o período do ensino fundamental e médio. Com mais aprofundamento no ensino médio.

Por exemplo, na minha escola as 2 aulas de educação física são di-

vididas em teoria e prática. Logo, poeríamos ter 1 aula estudando como surgiu, onde, quando, etc e outra colocando em prática o que foi estudado. Essas aulas, não necessariamente, precisariam ser no formato "padrão", mas trazendo novos modos de aprendizado. Maneiras interessantes de se fazer isso, são com vídeos, apresentações dos alunos dançando e/ou tocando, trazendo convidados para darem aulas ou palestras sobre o tema; tudo isso de uma maneira bem leve e divertida (assim como é o samba), para que3 todos se sintam motivados e gostem das aulas.

Essas aulas seriam de grande valor para o conhecimento desse movimento, estudar os tipos de samba, suas origens, as representações negras, a história de resistência, como ele se renovou, onde e como ele é encontrado nos dias atuais.

PEQUENA ATÉ HOJE QUANDO PE
QUE NÃO FAÇO IDEIA DO NOM
DE GENTE QUE VI A VIDA INTE
ACHO QUE ISSO IM-
PACTOU ATÉ MESMO
NA MINHA FORMA
DE AGIR, TENDO
UMA CERTA INSEGURANÇA
COM PESSOAS
QUE EU SUPONHO
SEJAM MUITO DIFERENTES DE
SEJAM ELAS DO MEU BAIRRO
DAS ESCOLAS.
EU ADORARIA APRENDER
SOBRE CAPOEIRA NA
ESCOLA. ACHO QUE
POR TER SIDO
UMA COISA QUE
EU VIA ACONTECENDO
PELA CIDADE, ONDE
AS PESSOAS PARE-
CIAM TÃO ANIMADAS,
SE DIVERTINDO.
ENTÃO SEMPRE EXISTIU
ESSE INTERESSE, DE
COMO SERIA ESTAR
LÁ, DEIXAR DE
SER ESPECTADOR E
FAZER PARTE.

VICTÓRIA

Bom, me chamo Victória, estudei a vida inteira em escolas públicas, apesar de ter havido um grande esforço da minha mãe em buscar escolas fora do nosso bairro, que eram melhor atendidas pelo governo, embora nunca tenham se equiparado ao investimento das escolas particulares.

Imagino que essa preocupação tenha se dado devido ao valor que minha família materna dá para o ensino, apesar de meus avós não terem um diploma, eles realmente incentivaram e fizeram tudo que podiam para que meus tios e minha mãe conseguissem ter um ensino superior. Então, na minha família sempre existiu essa importância da educação, principalmente para que saíssemos da condição financeira que meus avós e bisavós viveram e tivéssemos uma vida melhor, talvez por isso minha mãe tenha buscado essas outras escolas.

Por outro lado, isso me afastou bastante do convívio e da realidade do meu bairro, desde não brincar muito na rua com meus vizinhos quando pequena até hoje quando percebo que não faço ideia do nome de gente que vi a vida inteira, acho que isso impactou até mesmo na minha forma de agir, pôr ter uma certa insegurança ou timidez com outras pessoas que acho que cresceram de uma forma muito diferente da minha, fossem pessoas do meu bairro ou das escolas que estudei.

Apesar de ter estudado em lugares mais distantes, creio que a maior parte das escolas, independente de onde são, tenham em comum essa ilusão, ou mesmo essa farsa de que estava tudo bem, que todos os alunos estavam bem, elas nunca estiveram prepara-

das para realidade, sempre ignoraram como os alunos realmente estão e como são suas vidas, na verdade acho que a maioria maçante das escolas simplesmente não se importa.

Acho que venho sofrendo todo tipo de discriminação durante a minha vida, desde minha aparência até a minha personalidade. Enfiaram na minha cabeça que eu deveria ser alguém que não era e eu acreditava totalmente no que os agressores diziam, que eu, a minha existência, estava errada. Isso foi destruindo minha autoestima, desde muito nova e foi me fazendo ter vergonha e querer ser outra pessoa que eu nunca seria.

Uma das poucas formas que eu encontrava para ter algum sentimento bom em relação a mim mesma eram as notas, eu tinha a ideia de que precisava ser boa ao menos naquilo, que, apesar de eu ter tentado, eu não podia ter o corpo, a pele, o cabelo, a personalidade que me cobravam, eu pelo menos teria a "inteligência", então comecei a me cobrar incansavelmente, e passei um bom tempo da minha vida me dedicando e me importando com os estudos de um jeito meio destrutivo.

Isso só foi mudar no Ensino Médio. Por mais que eu tentasse, sempre tinha alguém melhor e eu desvalorizava todo meu esforço, conheci gente que estudava incessantemente e mesmo assim não eram bons o suficiente para as escolas, então comecei a questionar a maneira e a importância do que nos ensinam, até que chegou um momento que não consegui ver tanto sentido em toda aquela dedicação, e eu entendo que por muito tempo esse estudo tenha sido uma espécie confusa de alívio, porque era um refúgio da violência que eu sofria na escola, porém chegou um momento aquilo já não mais me servia e eu fui e ainda estou atrás de algo que eu realmente goste, que eu realmente queira aprender, algo além do que a escola tem me oferecido.

Há pouco tempo, depois de muito tempo de escola, eu pude entender melhor a falsa impressão que a escola passa, como se fosse vital, totalmente benéfica, e sim, talvez tenha ajudado algumas poucas crianças de algum jeito, mas igualmente ou até mais, trouxeram tanta violência, insegurança, preconceito e outros problemas que é quase impossível eu vê-las sendo tão positivas quanto querem parecer.

Nos meus primeiros anos de escola, lembro que, apesar de todo tipo de problema que existiu, de algum jeito e em algum momento eu conseguia me divertir na educação física, porque nesse período, para mim, não passava de uma brincadeira.

No sexto ano do fundamental, vou para outra escola e as coisas mudam e, apesar de ficar bem menos escancarada, para mim a exclusão era óbvia, sempre a última e sempre a ruim. Então em um determinado momento eu resolvi parar de participar, e quando raramente fazia algo, era com meus amigos, de onde eu sabia que não viriam agressões, onde eu me sentia segura e confortável.

Comecei o ensino médio com a ideia de que eu não era boa e que por isso não gostava de esportes, então apesar de parar de me cobrar tanto, eu me tornei um pouco indiferente e não consegui aproveitar muito a educação física.

Já no segundo ano do ensino médio minha relação com os esportes fica mais positiva. Passamos a ter coisas novas, que eram novas para todos, onde estava todo mundo aprendendo junto pela primeira vez, e, acho que as aulas que eu mais gostava eram as que eram em grupos menores, onde eu podia fazer com pessoas que eu gostava, e a gente queria jogar, mas de um jeito que pudéssemos nos divertir, sem nos importar tanto com a competição, em ganhar ou perder, e sim em simplesmente terminar a aula alegre.

Acho que talvez por sempre carregar esse estigma de ruim em esportes, eu me acostumei a perder, então nunca me importava muito se eu estava ganhando ou perdendo, e no segundo ano, quando eu consegui gostar de verdade, dos esportes, dos jogos e não da vitória, eu passei a ter vontade e prazer nisso, e tirei a ideia de que eu tinha que ser boa ou ruim em algo, e que eu podia gostar de fazer as coisas independente de ser a melhor naquilo.

O que gostaria de aprender?

Eu adoraria aprender sobre Capoeira na escola. Acho que por sempre ter sido uma coisa que eu via acontecendo pela cidade onde as pessoas pareciam sempre animadas, se divertindo. Então sempre existiu esse interesse pela capoeira, de como seria estar ali, com aquelas pessoas, deixando de ser apenas uma espectadora e fazer parte do grupo.

Acredito que o ideal seria aprendermos sobre a capoeira de todos os ângulos, envolvendo além da sua prática, sua história, seu contexto social, tudo que a englobe.

Para mim é importante que o aprendizado envolva sempre diversão e criatividade, é importante que eu sinta vontade de estar ali aprendendo e que eu pense sobre o assunto, que minha mente e meu corpo não estejam somente absorvendo, mas também criando. É bom ter essa liberdade de colocar um pouco de si no que se aprende. Por isso, a capoeira, por sua identidade, sua história e sua resistência.

HIP-HOP

ISADORA

Na escola nunca tive uma boa experiência em relação as aulas de Educação Física mesmo tendo muita força e vontade de fazer algo, na minha escola os professores de Educação Física nunca se dedicaram em tentar dar aula, ou aula que nos chamassem atenção, ou ainda algo que todos, sem a divisão de homem e mulher, quisessem fazer, mas isso acontece desde quando me entendo como aluna.

Sempre quis tentar jogar futebol, mas na minha escola sempre teve uma divisão entre homens e mulheres e se meu próprio professor de Educação Física não questionava, quem sou eu e de onde iria tirar forças para poder tentar mudar a mente de mais de 10 meninos e explicar que eu também poderia jogar.

E nisto, já que não consegui o futebol, tentei o vôlei e como a treinadora era mulher, poderia me entender. E sim, ela entendeu, fez um time misturado com homens e mulheres. A qualquer errinho era olhada de maneira errada, mas não me sentia no direito de reclamar, só de conseguir fazer parte de um time de vôlei na escola já foi realizador.

Mesmo que não fosse desse jeito ou que desse tudo errado, não poderia demonstrar minha raiva ou chateação, que pra mim, sempre foi fraqueza. Deixar-me chorar na frente dos outros ou até mesmo sozinha. A mulher negra tem em si que não pode chorar e que tem que ser forte a todo momento, e eu não tinha notado que também sou assim, meu choro nunca sai perto das pessoas e vivo nesse núcleo de ter que ser forte a todo instante e com pensamento que tenho que segurar todas e qualquer barra sozinha. Aliás eu não vivo

nesse núcleo a sociedade coloca os negros principalmente as mulheres negras nesse núcleo, dês de á escravidão, eles adotam na nossa mente que devemos ser fortes sempre, porque negro nasceu pra ser forte, pra abraçar aos outros em quanto não consegue abraçar a si mesmo, e nós como mulheres negras não podemos deixar a peteca cair porque temos que segurar o mundão das(o) nossas(o) amigas(o), filhas(o) , dos filhos da Patroa da casa que trabalha como faxineira/babá, de famíliares etc...

E de tanto pensar assim chegamos ou ainda chegaremos a enlouquecer, porque não temos ninguém e nem se tivéssemos nós conseguiríamos contar nossos problemas ou tristezas, porque sabemos que o quão o Sistema é racista e nós trata como produtos. Mulheres Negras precisam de valorização, de amor precisamos ser entendidas, não precisamos e não podemos viver nessa solidão.

O que gostaria de aprender?

Existem várias formas de poder oferecer os alunos uma aula legal, seria bacana se os professores escutassem nossas opiniões de como queremos a aula, e poder adaptar a aula que ele quer dar com que nós também queremos e nos interessamos a aprender.

Como exemplo, eu, como estudante negra, gostaria muito que meus professores se interessassem pela nossas opiniões, queria muito ter aula sobre a cultura negra, aprender mais a origem das brincadeiras, danças e jogos que nós negros somos protagonistas da maioria e alguns nem sabemos disso, podíamos fazer eventos educativos em cima disso, algo informativo que aborde esse assunto essa cultura , nossa cultura, mostrar nossa Arte falar como nós negros contribuímos bastante pra muitas coisas que pessoas brancas hoje, utilizam, jogam ou fazem e não ganhamos reconhecimento disso.

Meus pais são rapers e fizeram parte da história do Rap Minero, minha mãe foi uma das primeiras mulheres a ter um grupo de rap, chamado Kontrast, e hoje meu pai Neghaun Kontrast resolveu seguir carreira solo. Mesmo tendo pais artistas, meus professores nunca se interessaram em saber o que acontece ou o que se passa na minha vida, tenho pais artistas que poderiam tirar um tempo pra poder ir na escola dar uma aula ou palestra sobre a história do hip-hop, e não só isso poderíamos fazer eventos educativos em cima dessa cultura.

TRÊS ANOS DEPOIS
Profe
26 de Novembro de 2013
"Estou iniciando o meu diário de docência e espero que o Izaú que o estejo lendo no futuro próximo e também mais distante, seja uma pessoa mais experiente e
Professor,
Ser professor é lindo, mas dói...
Tire sim!
O MUNDO É UM MOINHO
Professor,
HIP-HOP
Tire...
Tire...
Tire...
Tenho certeza de que muita coisa passou sem que eu percebesse.
Professor,

IZAÚ

"26 de Novembro de 2015

Estou iniciando meu diário de docência e espero que o Izaú que o esteja lendo num futuro próximo e também distante, seja uma pessoa mais experiente e mais consciente, com mais poder para melhorar esse mundo que hoje habito.

Bom, deveria ter feito isso há mais tempo, especificamente quando iniciei formalmente minha carreira de professor. Infelizmente nem tudo se dá como queremos, nem sempre temos tempo, ânimo, ou quando temos, não temos as ferramentas necessárias. Estava no meu banho morno, pois hoje é um dia quente, lavando meus cabelos num processo que sempre me toma tempo, quando comecei a pensar sobre o show do Tony Tornado ao qual estive ontem com minha tia Luci. O show foi maravilhoso e me lembrei do momento em que cantava fortemente perto de outras pessoas negras "eu sou negro sim", a partir disso, quando já estava desembaraçando meus cabelos com as mãos, comecei a imaginar como estará o empoderamento do povo negro daqui uma década (e espero que possa estar relendo esse texto nesse momento). Comecei a imaginar como as crianças estarão se portando nas escolas, como a lei 10.639 estará impactando a cultura escolar e em como eu, enquanto professor de Educação Física estarei contribuindo para esse processo de afirmação e igualdade racial. Depois disso tudo pensei que deveria, finalmente, começar a escrever sobre minhas experiências docentes. Mal saí do banho e dei início a esse diário, ainda nem fui comer. [...]"

Três ano depois...

Ser professor é lindo, mas dói. E aqui estou eu para tentar compartilhar algumas de minhas experiências nesse tempo, ainda curto, como um professor de educação física que busca uma educação antirracista e pelo respeito à diversidade.

Antes de qualquer coisa, digo que não é uma missão fácil e que se fosse contar todos os desafios, dificuldades e embates que tive para construir todas as práticas que conseguimos desenvolver nesse

tempo, precisaria escrever um livro inteiro. O racismo está em cada molécula da escola e ela ainda é um espaço majoritariamente conservador. Não dá pra romper com tudo e muitas vezes eu também tive que ceder ao sistema escolar fazendo coisas que não gostaria.

Preciso me policiar todos os dias para não me tornar um tipo de pessoa que repudio. Porque em alguns momentos quando assustamos, já estamos realizando práticas que criticamos e não gostamos. A escola tem suas partes bonitas e temerosas...e nos contagiam ou nos poluem.

Nesses três anos de escrita, relatei muita coisa. Escrevi sobre aulas que aconteceram, sobre angústias, sobre felicidades, sobre trabalhos e avaliações, sobre conteúdos, sobre sistema escolar, burocracias, uma infinidade de elementos. E, além de escrever, me esforcei para que todos os dias eu enxergasse e não deixasse passar atos de racismo ou qualquer outra forma de opressão nas minhas aulas ou onde estivesse presente. Tenho certeza que muita coisa passou sem que eu percebesse.

Mas esse olhar atento é talvez o primeiro passo para um professor que busca uma educação para as relações étnico-raciais, porque ela não se faz somente por conteúdos ou reprodução mecânica de práticas.

Ora, ela não se faz somente por conteúdos, mas eles também fazem parte.

Em boa parte dos meus 4 anos de docência trabalhei com turmas de terceiro ciclo e consegui desenvolver trabalhos que duraram meses em diferentes anos letivos com o Parkour, com o HIP-HOP, com a Capoeira, com o Funk. Também tivemos trabalhos mais curtos com a com a música negra, fizemos mostra de cultura afro-brasileira, debate sobre diversidade religiosa, debates sobre atletas negros e negras no esporte, sobre feminismo, palestras sobre racismo, e

também futebol, basquete, jogos olímpicos e muitos outros conteúdos que normalmente fazem parte do cotidiano de um professor de educação física. Eu não disse não aos esportes.

Para cada um desses conteúdos, uma diferente estratégia de convencimento da turma, mas fui aprendendo que quando temos propostas concretas e organizadas de aula, as turmas normalmente topam. E quando essas propostas dialogam com uma cultura que é próxima ou é de interesse desses estudantes, fica mais fácil ainda.
Também precisei de diferentes metodologias de ensino-aprendizagem e dinâmicas de avaliação. Estudamos história, fizemos apresentações culturais, aulas "práticas", batalhas de dança, assistimos vídeos, trouxe grupos de fora, escrevemos, fizemos debates, desenhos, cartazes, pesquisas. Teve muito trabalho em grupo. Grupo que cantou, dançou, fez vídeo dançando, fez dança e teatro, teve até coral de Funk. Tiveram também os grupos que idealizaram muitas coisas e não conseguiram colocar muitas coisas em prática. Possibilidades que fui testando, aprendendo e adequando ao meu contexto, sem medo de errar.

Poderia também escrever uma longa história sobre como foi, na minha ótica de professor, cada experiência com esses diferentes temas. Mas talvez não seja tão interessante. Escrevo isso apenas para dizer que é possível dialogar e trazer outras propostas para a educação física escolar na educação para as relações étnico-raciais e que isso não se faz com uma única aula de capoeira em novembro ou com brincadeiras "africanas" descontextualizadas e até mesmo estereotipadas.

O que ressalto mais uma vez é que educar para as relações étnico-raciais, seja na educação física ou em qualquer outra "disciplina", vai muito além do plano curricular. Ela é, antes de tudo, uma educação sensível que vai muito além do cognitivo; é uma educação que busca romper com a estrutura hegemônica da escola.
Tive que lidar com pai invadindo a quadra para acusar um aluno negro de roubar o celular de sua filha e ameaçar de chamar a po-

lícia para prendê-lo na frente de toda turma. Depois tive que lidar com a tristeza e o medo desse estudante.

Tive que lidar com estudantes negros me contando que o supervisor sempre os chamava de marginais. E já parou para pensar sobre como é ser tratado como violência dentro da própria escola? Lugar aonde, teoricamente, o estudante vai com a esperança de se tornar alguém melhor?

Tive que escutar que, durante aulas de Parkour, estava ensinando "esses alunos a pular o muro da escola para matar aula". Tive que lidar com questões de uso de drogas dentro da escola e conversar pontualmente com alguns estudantes já envolvidos com o tráfico. Tive que parar aulas para repudiar piadas racistas, homofóbicas, machistas. Tive que conversar com estudantes negros e negras para que parassem de menosprezar a sua estética. Tive que conversar com estudantes expulsos de casa, com estudantes com depressão, com estudantes querendo desistir da escola.

Tive estudantes tratados como "caso perdido" me pedindo durante uma interrupção de aulas sobre a história do Funk: "professor, a gente nem precisava descer pra quadra hoje não, passa mais vídeos e explica pra gente".

Tive que ver estudantes isolando estudantes negros de grupos. Tive que conviver com a concretização da triste estatística de que estudantes negros e negras são os que mais vão ser reprovados no final dos ciclos e são os que mais desistem no final do ensino fundamental. Convivi com ela sabendo que existe um porquê histórico e social, que não é simplesmente porque são "um bando de vagabundos" como já ouvi tantas vezes que perdi a conta.

Tive que me ver chorando

Tive, tive, tive...tive. Já diria Cartola: “tive sim”

E muito provavelmente você (professora/professor) também tenha passado por inúmeras situações parecidas ou que também estão estruturadas pelo racismo. Aliás, com certeza passou. A diferença é que talvez tenha percebido, talvez não. Talvez tenha percebido e deixado passar, talvez não.

A luta contra essas situações são essenciais, são cansativas e não podem ser apenas pauta dos professores negros nas escolas, é dever de todos e todas.

Sai muito machucado em muitos momentos, já chorei, já quis desistir. Já me vi trancado numa sala de direção recebendo críticas duras pelo impacto negativo de ter levado um grupo de RAP de rua para dentro da escola para a culminância de um projeto com o HIP-HOP que durou meses.

Mas tive parcerias, principalmente de professoras, que me foram muito importantes para ir aprendendo e resistindo. Outro fator essencial foi que essa postura de embate fez com que os estudantes se aproximassem mais de mim, fui mais respeitado e ouvido...e é a força estudantil e minha esperança nessas crianças e adolescentes que me fazem respirar quando entro pelo portão da escola.

[...]Mas aí veio a pergunta que me fez engolir seco. Pedi para que dessem sugestões de outras perguntas...algumas meninas fizeram ponderações relativamente abstratas até que uma estudante negra pôs um grande ponto final na aula, ou seria interrogação?
"professor, você podia perguntar se alguém já quis trocar ou nascer de outra raça."
Um breve silêncio se instaurou e logo em seguida pequenas expressões como "nossa", "pesado"...
...e você que está lendo, já quis?

(Publicado em rede social, 9 de novembro de 2016)

26/02/2018

Hoje uma garota do sexto ano, para quem não dou aula se aproximou de mim e perguntou:

“Professor, é verdade que você gosta e dança passim dos maloka?”

Respondi que gostava, mas que não sabia dançar...queria aprender...e ela abriu um sorriso enorme, agradeceu e saiu correndo em direção a outro grupo de estudantes.

Quando peguei o ônibus para ir embora fiquei pensando no fato e lembrei de meu ensino médio. Lá passei por um grande apagamento cultural , passei a ter vergonha de várias coisas que faziam parte de minha história. Estudando em uma escola pública de elite e predominantemente branca, passei a ter vergonha de gostar de funk, de samba, de dançar e comecei a gostar de rock, fingir conhecer bandas que não conhecia, tentar ser cult; passei a ter vergonha de falar fora da norma culta como falava, passei a ter vergonha do lugar onde morava, me afastei de vizinhos e amigos, comecei a falar de forma mais polida; passei a ter vergonha de muita coisa que era e por muito tempo tentei ser aceito naquele nicho. Não tinha nenhuma outra referência de proximidade que valorizasse minhas referências culturais.

"[...]eu sou funkeiro sim, por favor deixa eu passar! Sou discriminado, mas também fui educado, minha mãe me deu educação..."

Agora, como professor e com orgulho de minhas referências culturais, busco ser uma referência de proximidade para outros estudantes e, ainda que não sejam representativas a todas e todos, minimamente uma referência de respeito à diversidade cultural!
Lembrando do meu passado, me esforço para que nenhuma e nenhum estudante precisem ter vergonha de si, de seus cabelos, de sua fala, de gostar de ler, de suas referências culturais, de seus corpos...afinal de contas, é do corpo que a educação física trata.

13/03/2018

Você estuda, se dedica, planeja, trabalha muito em casa, tenta aprender diversas coisas. Aprende um pouquinho a dançar, um pouco de música e tudo que aprende no meio artístico, aprende pensado em como aproveitar lá no chão da escola. Você lê bastante, reflete bastante sobre seu trabalho, tem registros de coisas legais...mas sabe também que está tão distante de realizar um trabalho digno que às vezes se sente medíocre.

Você sabe que existe até esse termo pra discutir nossas ("só quem é vai sentir) relações em ocupar espaços de poder...

tenho consciência do papel do racismo nisso tudo...síndrome do impostor.

Me esforço muito, mas tem horas que dói e parece que não devia ser professor. Que tô ocupando um lugar que não devia, que os estudantes não merecem. Que só estou ali de brincadeira, que deveria ser mais rígido, que não tenho postura professoral...
mil fitas...

Logo a dor vai se amenizar. Mas sei que também vai voltar e que não é só minha...e isso me deixa mais triste. Ser professor é lindo, mas dói.

NEGRO DRAMA, UMA ESTRELA LONGE, MEIO OFUSCADA: ENTRE O NÃO MAIS BRANCO E O AINDA NÃO PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

NEGRO DRAMA, UMA ESTRELA LONGE, MEIO OFUSCADA: ENTRE O NÃO MAIS BRANCO E O AINDA NÃO PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS[4]

Historicamente a educação física escolar se constituiu no Brasil como um espaço de muita disputa e diferentes legitimidades, sendo ocupada por boa parte dessa história como espaço de "atividade" dentro da escola, crescendo com as influências dos pensamentos europeus sobre o corpo e movimento. Perpassando nesse caminho por influencias médicas higienista e produção de corpos saudáveis para o trabalho, pela a esportivização e produção de atletas de rendimento, pelo militarismo, até a chegada das primeiras correntes da teoria crítica na década de 80 que se tornam contraponto dessa perspectiva.

O chamado movimento renovador[5] da educação física produziu um tensionamento com tais perspectivas históricas da disciplina produzindo críticas sobre um lugar "não mais" desejado, vinculado principalmente às correntes da educação física escolar militaristas, esportivistas e do desenvolvimento motor e idealizando um "ainda

[4] *O termo faz alusão ao título "Entre o não mais e o ainda não", texto de grande circulação no campo da educação física escolar de autoria de Fernando Jaime Gonzáles e Paulo Evaldo Fensterseifer (2010)*

[5] *Movimento de produção teórica do campo que ganha força a partir da década de 80 com diversas produções que dialogam com as teorias críticas da educação.*

não", mais próximo de uma educação física vinculada à noção de cultura corporal, às teorias críticas da educação e a uma nova formação identitária para a educação física escolar enquanto campo de conhecimento.
A localização desse "ainda não" estaria dentro de uma compreensão de que, antes de mais nada, a educação física escolar faz parte de um projeto maior que é a escola, seu valor não está em si, mas na própria escola. Assim, a educação física assume caráter específico do espaço escolar, ela é produto desse espaço. (VAGO, 2009) Dessa forma:

> *"[...]se o que justifica a existência da escola é a "responsabilidade de perpetuar a experiência humana considerada cultura", então da Educação Física se espera que faça circular, reinventar, estimular, transmitir, produzir e praticar... cultura." (VAGO, 2009, p.34)*

Além disso, ela possui um campo de conhecimentos que lhe são particulares, encontrados em uma dimensão cultural específica e, portanto, não deve ser apenas um espaço de reprodução do que acontece fora dela. (GONZÁLES e FENSTERSEIFER 2010)

Mas que cultura específica seria essa?

Essa concepção de educação física reconhece a educação física como detentora de um campo de conhecimento vinculado a produção cultural corporal humana e suas possibilidades de movimento. Pauta-se assim um saber centralizado no campo da experiência, que por sua vez não acontece no vazio social, estando imersa em valores e formas de compreensão do mundo. (GONZÁLES e FENSTERSEIFER 2010)

A perspectiva apresentada pelo Coletivo de Autores (1992) trouxe

uma noção de que "a Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais [...] que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal" (p.50). Essa cultura corporal está diretamente ligada ao corpo e o movimento, em heranças culturais produzidas ao longo da história da humanidade e, tal qual como parte do trabalho desenvolvido na escola, dar acesso a essa herança é função da educação física escolar.

Entretanto, ainda que esse referencial e toda produção do movimento renovador trouxesse um novo paradigma para a educação física escolar, não se pensou no detrimento de algumas culturas e corpos em função de outros, mais pontualmente em relação a questão das culturas negras e indígenas, tão presentes no contexto nacional.

Maranhão (2016) faz um importante adendo ao notar que, mesmo no contexto de "crise" e no movimento renovador da educação física, pouco se discutiu a questão da educação étnico-racial. Com fortes influencias marxistas nos finais da década de 80 e início de 90, as grandes obras da educação física não deram conta naquele momento de ampliar a discussão da classe social.

Atualmente, já não é mais possível pensar um ensino de educação física sem considerar uma perspectiva de interseccionalidade (CRENSHAW, 2004) na corporeidade estudantil e sem pensar a cultura corporal para além das dialéticas políticas da área tão presentes na década de 80 (MARANHÃO, 2016).

Hall (2015) também alerta que a classe não pode ser uma categoria mobilizadora para todos os interesses e múltiplas identidades das pessoas, pois as pessoas mobilizam seus interesses sociais para além da classe. Esse tem sido e precisa ser um novo ponto de ruptura para a educação física escolar para que possamos ressignificar nossa práxis docente, respeitando e valorizando a diversidade cultural escolar e as diversas identidades que nela habitam.

Gonzáles e Fensterseifer (2010) reforçam a prerrogativa de que, apesar das novas concepções e esforços, a tradição o pensamento da educação física escolar pouco tem pensado sua inserção num projeto educacional pautado pela ideia de leitura de mundo, mantendo os propósitos de preparação do corpo e do "exercitar-se para".

Esse olhar pautado numa perspectiva biológica ainda se faz presente na educação física escolar e, muito embora a compreensão biológica do corpo seja importante, pensar o corpo somente nessa ótica é empobrecedor.

Vago (2009) nos diz que muito do projeto pedagógico de um professor de educação física está ancorado na maneira como o mesmo compreende o corpo humano. Expandindo o conceito do autor podemos também indagar se esse professor, pensando na perspectiva de um corpo cultural, compreende também o corpo negro e suas contribuições na produção cultural corporal humana e brasileira. Chegamos aqui então a reflexões mais pontuais sobre a educação física e a educação étnico-racial.

Nesse percurso histórico apresentado, a disciplina foi e continua sendo espaço de reproduções estruturais, excluindo em maior ou menor escala indivíduos que não estejam dentro de uma formatação social masculina, branca, heteronormativa, cis e magra.

Retomando tais pressupostos históricos que direcionaram as práticas pedagógicas da educação física, compreende-se que a mesma esteve diretamente ligada a discriminação do corpo negro e de sua cultura, vinculada a ideia de uma superioridade branca. Desde o início a disciplina esteve distante do corpo negro "na medida em que o corpo idealizado pela Educação física partiu da imagem corporal dos gregos, portanto de um corpo branco. (MATTOS, 2007, p.11)

> *"se não for oferecida ao estudante a chance de experimentar boa parte do leque de possibilidades de movimento sistematizadas pelos seres humanos ao longo de vários anos, ele estará perdendo parte do acervo cultural da humanidade e uma possibilidade singular de perceber o mundo e de perceber-se."(GONZÁLES e FENSTERSEIFER, 2010, p.17)*

Portanto, fazendo uma transposição das ideias de Gonzáles e Fensterseifer (2010):
Ora, não é possível pensar na sociedade brasileira uma chance de experimentar tal leque de possibilidades sem perpassar o acervo cultural afro-brasileiro e africano (e também indígena, ao qual o estudo não se propõe discutir) como possibilidade de perceber o mundo e se reconhecer nesse mundo.

Caminhando nesse sentido, a educação física é uma área de grande potencialidade e afinidade para com a educação para as relações étnico-raciais. Há que se tomar apenas cuidado com o desespero reparatório (LINS RODRIGUES, 2010) que os professores e professoras

> *"Fetiches de restrições excêntrico-comemorativas aos quais ficam sujeitas todas as manifestações culturais não legitimadas que acabam por "visitar o currículo escolar", tendo assim uma participação apolítica, sem que se discutam os porquês de se encontrarem na posição de desprivilegio e tendo a Educação Física Escolar como colaboradora nessa situação." (LINS RODRIGUES, 2010, p.21)*

Dessa forma, como a Educação Física, pautada em uma perspectiva de uma cultura corporal, pode se transformar e ressignificar para contribuir na promoção da igualdade racial? Possuindo o corpo como foco de sua prática pedagógica, como a mesma tem dado conta de tratar a as diversas manifestações corporais e suas representações simbólicas na cultura brasileira?

Nesse sentido, combater o racismo na escola também perpassa pelo

> *"e é no corpo negro que recaem as práticas históricas das desigualdades, da desqualificação, da violência simbólica que levam os estudantes a uma baixa auto-estima, à evasão escolar, a possíveis identificações com padrões de beleza que não os representam. Assim, como as demais disciplinas, a Educação Física deve buscar, na educação pluricultural, valorizar outras culturas, potencializando a cultura negra." (Mattos, 2007, p.69)*

Ainda que essa discussão também esteja permeada por um difícil exercício de ressignificação do olhar para uma nova percepção da corporeidade dos estudantes negros, Freire (1996) nos traz uma importante reflexão sobre as relações de diálogo na dimensão contida entre fala e escuta ao dizer que "não é falando aos outros[...] que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles". (FREIRE, 1996, p.111)

Baseado nesse propósito é mais do que necessário que, a partir da escuta, pensemos uma significante reformulação da instituição escola, de seus modos de produção de conhecimento, de seus espaços, tempos, currículo e propósitos para a superação do racismo.

Assim, quais indícios (Ginzburg, 1989) essas estudantes têm para nos dar para promoção dessas transformações?

NÃO É CONTO, NEM FÁBULA

Muito provavelmente durante sua leitura você tenha se deparado com inúmeros indícios reflexivos para repensarmos nossas práticas.

Aqui resgato trechos das narrativas escritas durante o encontro como indícios de possibilidades para ressignificar e refletir sobre um ensino de educação física escolar que promova a educação para as relações étnico-raciais. Ressaltando também que esses indícios não se fecham na educação física, mas, baseado nas ideias de Gonzáles e Fensterseifer (2010), esses indícios perpassam a escola como um todo porque antes de ter seu conhecimento específico, a educação física e o professor de educação física estão inseridos num campo maior que é o da educação.

Dessa forma, nem todos os indícios apresentados dizem especificamente sobre a educação física escolar, mas, dizendo sobre as relações estruturais do cotidiano escolar, dizem muito sobre ela e sobre o trabalho do professor.

O que se propõe aqui não é uma discussão delongada sobre esses trechos, ou mesmo um exercício de interpretação. Como recorte de uma pesquisa maior, apresentam-se um conjunto de pistas – com algumas considerações e reflexões esboçadas a partir de minha experiência docente – para que você leitor possa construir suas próprias reflexões acerca do problema aqui colocado.
Ginzburg (1989) diz que o caçador, com sua capacidade de ler nas pistas mudas deixadas pela presa, traçava uma seria coerente de eventos, sendo o primeiro a narrar uma história:

> *"Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufos de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas." (GINZBURG, 1989, p.151)*

Eis aqui algumas pistas, não das presas seguidas por um caçador, mas pistas das escrevivências de cinco garotas negras e de um professor negro. Essas pistas começam por uma narrativa não-textual, mas estética.

LENDA OU MITO

Uma das questões trazidas pelas narrativas diz respeito à desmotivação construída em relação à disciplina. É fato conhecido por muitas professoras, professores e estudantes que a educação física escolar, de uma forma geral, vai se tornando um campo pouco atrativo para as meninas por serem invisibilizadas e privadas de muitas experiências ao longo de sua trajetória estudantil, sendo a quadra e as principais práticas nela desenvolvidas quase um direito social apenas dos meninos.

> *"[...]se meu próprio professor de Educação Física não questionava, quem sou eu e de onde iria tirar forças para poder tentar mudar a mente de mais de 10 meninos e explicar que eu também poderia jogar." (Isadora)*

> *"Então em um determinado momento eu resolvi parar de participar, e quando raramente fazia algo, era com meus amigos, de onde eu sabia que não viriam agressões, onde eu me sentia segura e confortável." (Izabella)*

Mas esse problema se agrava ainda mais quando é vivido pelas estudantes negras pelas diversas dimensões do racismo, desde a falta de representatividade cultural no currículo, a falta de representatividade identitária:

> *"Mulheres Negras precisam de valorização, de amor precisamos ser entendidas, não precisamos e não podemos viver nessa solidão." (Isadora)*

> *"A falta de representatividade tem grande parte na baixa autoestima de pessoas pretas. Afinal, como seremos bons ou teremos interesse em algo que ninguém que podemos nos identificar fez?" (Camila)*

Outra questão que emerge nesses discursos é a falta de atenção docente para a cultura estudantil. A perspectiva dialógica freireana (2014) é uma possibilidade interessante para o campo da educação física estabelecer diálogos com a cultura estudantil, mas, além de ser algo ainda distante de todos estudantes, é ainda mais distante para o estudante negro. Os atravessamentos do racismo também têm impacto na estru-

tura cultural e podem fazer com que o professor ou professora não se atente para ricas possibilidades de diálogo.

Vago (1997) afirma que são as interações sociais produzidas nas práticas inventivas dos sujeitos presentes na escola, responsáveis pela especificidade da cultura escolar. Por isso, para que a escola dê conta de superar as barreiras da exclusão em suas diversas formas, se faz tão necessário o diálogo com os estudantes e demais atores sociais da escola.
Considerar o peso da cultura negra na formação da sociedade é papel fundamental da escola para superar essa posição, pois ela se faz presente em todo contexto escolar. Trabalhar com ela vai além de inserir conteúdos fechados, muitas vezes folclorizados, perpassa um caminho de atenção para o uso autorreflexivo dessa cultura, sobre como os sujeitos negros e negras vivem as mesmas em seu cotidiano. (GOMES, 2003)

> *"Mesmo tendo pais artistas, meus professores nunca se interessaram em saber o que acontece ou o que se passa na minha vida, tenho pais artistas que poderiam tirar um tempo pra poder ir na escola dar uma aula ou palestra sobre a história do hip-hop, e não só isso poderíamos fazer eventos educativos em cima dessa cultura" (Isadora)*

Essa desatenção é também campo presente na estrutura escolar. A engrenagem escolar, moldada sobre a estrutura sócio-histórica não para seu funcionamento e vai moendo os estudantes; moendo expectativas, frustrações, alegrias, potencialidades, tudo junto:

> *"creio que a maior parte das escolas[...] sempre ignoraram como os alunos realmente estão e como são suas vidas, na verdade acho que a maioria maçante das escolas simplesmente não se importa." (Victória)*

Mas essa engrenagem, sendo um espaço social de representações negativas e exclusão do negro, é ao mesmo tempo, como afirma Gomes (2003), um importante local para superação dessas representações.

As desigualdades estão postas e interferem no cotidiano escolar. Entretanto não podemos perder a noção, como apontam Masschelein e Simons (2004), de que a escola talvez seja a invenção humana – muito embora desde o início ancorada na desigualdade (VARELA; ALVAREZ-URIA, 1992) – com maior potencial para criar igualdade. Um atentado as elites sociais.

É preciso então que busquemos estratégias – que obviamente perpassam muito mais do que a dimensão da ação individual docente – para que nossas estudantes não caminhem até o final da educação básica com pensamentos tão tristes, mas ao mesmo tempo realistas e justos pelo que tem sido produzidos pelo sistema educacional de uma forma genérica:

> *"Há pouco tempo, depois de muito tempo de escola, eu pude entender melhor a falsa impressão que a escola passa, como se fosse vital, totalmente benéfica, e sim, talvez tenha ajudado algumas poucas crianças de algum jeito, mas igualmente ou até mais, trouxeram tanta violência, insegurança, preconceito e outros problemas que é quase impossível eu vê-las sendo tão positivas quanto querem parecer." (Victória)*

Correlaciono ainda, pensando na perspectiva de um conhecimento emancipatório para o corpo negro (GOMES, 2017), e a partir de minhas vivências enquanto professor, que a ruptura desse modelo regulador de escola é também uma possibilidade para uma educação antirracista.
Essa é também uma das muitas potencialidades da educação para as relações étnico-raciais e, baseado em minhas percepções docentes e de outros colegas, é possível dizer que muitos e muitas estudantes

atualmente possuem muito mais consciência da importância da cultura e história negra em sua educação. Talvez reflexos das legislações educacionais e também pelos inúmeros esforços do movimento negro brasileiro educador (GOMES, 2017):

> *"É dever do educador de qualquer disciplina ensinar sobre a cultura e história do povo negro já que fomos importantes contribuintes para a construção da cultura hoje conhecida como de nós brasileiros." (Bea)*

> *"Acredito que a escola e professores podem ajudar com a melhora na educação e interesse de crianças e jovens pretos usando a representatividade e profundo estudo sobre nossos antepassados e nossa cultura, tanto em Educação Física quanto nas demais matérias." (Camila)*

São respostas aos diversos mecanismos de exclusão e racismo cultural (Hall, 2015) que historicamente buscam a manutenção de um status quo para a identidade nacional. História essa que, por exemplo, ainda insiste em falar dos processos de abolição da escravidão como "libertação", colocando o negro como sujeito passivo e acomodado, criando um estereótipo de corpos preguiçosos e acríticos.

Tais ações são indícios de fragmentação das identidades, nesse caso transpostas para o currículo, e de um descentramento de identidades sólidas e hegemônicas, como até então a branquitude europeia se fazia no currículo brasileiro. Essas ações vão se infiltrando nos micro-espaços escolares e curriculares, inclusive na educação física escolar, muito embora a mesma não seja destacada historicamente e legalmente [6] como possibilidade para uma educação antirracista:

---

[6] *A Educação Física não é destacada na Lei 10.639/2003 que: "Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira, dá outras providências" (BRASIL, 2003).*

"O quão enriquecedor seria contar a turma sobre a história desses e outros esportes e sobre importantes personalidades pertencentes de minorias que ajudaram a construi-los?" (Bea)

"Então sempre existiu esse interesse pela capoeira, de como seria estar ali, com aquelas pessoas, deixando de ser apenas uma espectadora e fazer parte do grupo." (Victória)

"Um dos poucos esportes que despertam meu interesse é o Basquete. Talvez por ser um esporte em que predominam jogadores negros e é também um meio de ascensão de pessoas da periferia como o futebol, o funk e o RAP." (Bea)

"Eu me identifiquei com o HIP-HOP porque é algo que faz parte da minha vida diariamente. É algo que fez grande diferença para pessoas pretas. Acho que seria interessante juntar a Educação Física com outras matérias como Artes e História para que possam ensinar o HIP-HOP na teoria e na prática." (Izabella)

"Eu gostaria de ter aulas sobre o samba, tanto na dança quanto na música e na história. Essas aulas poderiam ser dadas ao longo de todo o período do ensino fundamental e médio. Com mais aprofundamento no ensino médio." (Camila)

"Como exemplo, eu, como estudante negra, gostaria muito que meus professores se interessassem pela nossas opiniões, queria muito ter aula sobre a cultura negra, aprender mais a origem das brincadeiras, danças e jogos que nós negros somos protagonistas da maioria e alguns nem sabemos disso, podíamos fazer eventos educativos em cima disso, algo informativo que aborde esse assunto essa cultura , nossa cultura, mostrar nossa Arte falar como nós negros contribuímos bastante pra muitas coisas que pessoas brancas hoje, utilizam, jogam ou fazem e não ganhamos reconhecimento disso." (Isadora)

A educação física é um campo que possui inúmeros outros atravessamentos do racismo, ao qual o texto não se propõe. Trago aqui apenas uma última reflexão a partir do que, estruturalmente, o professor/professora estruturalmente enxerga sobre essas e outros estudantes.

Pinho (2005) identifica que os professores constroem uma biografia a partir de expectativas identitárias racializadas dos estudantes, sem realmente conhecer sua identidade pessoal, reforçando e mantendo o estigma social do negro. A partir de algum estudante que apresenta problemas com a escola e uma postura transgressora, os professores de educação física acompanhados tendem a estigmatizar todos os outros estudantes com o mesmo fenótipo. Atribuem previamente o fracasso ou falhas aos estudantes por uma estereotipia negativa do negro.

Outro ponto importante diz respeito a preferência pela estética branca, tanto pelo contato físico, como pela verbalização, seja por elogios a estudantes brancos ou depreciação de estudantes negros em muitos momentos:

> *"A diferença de tratamento entre eu e minhas colegas brancas, a falta de representatividade na teoria e na prática, ser sempre a última a ser escolhida e o descaso de alguns professores com a aula, foram fatores que me fizeram perder totalmente o interesse na matéria." (Bea)*

Ora, esse estudante precisa e/ou passa então a se embranquecer e assumir o caráter civilizado impositivo da escola (e de toda estrutura social fora da escola) para ser humanizado e socialmente aceito, precisa vestir a máscara branca sobre sua pele negra (FANON, 2008) para ser reconhecido por esse sistema escolar; na verdade precisa aprender, com o pouco que lhe é oferecido, a fazer essa máscara e tomar coragem de usá-la, caso contrário será só mais um a compor as estatísticas, irá desaparecer.

Ser plenamente negro e ter sucesso escolar ainda não é possível na estrutura escolar posta e, consequentemente, na educação física. Por isso é necessário lutar contra a educação colonizadora que encontramos no Brasil. Pois "o negro não deve mais ser colocado diante desse dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir" (FANON, 2008, p.95)

Por sua vez, a Educação Física, enquanto área do conhecimento vinculada à dimensão do corpo e suas diversas práticas socioculturais, estando inserida nesse contexto e com seu histórico eugênico, esportivista e militarista, também necessita se transformar para permitir ao negro (e todos sujeitos não brancos) a tomar essa consciência de novas formas de existir no mundo.

Muito embora a legislação vigente traga avanços para a superação do racismo, Fanon (2008) nos alerta para a alienação colonial. Fator que produz uma impossibilidade de se constituir enquanto sujeito da sua história enquanto estamos nessa posição de alienação. Para ser superada é preciso ir além de uma mudança individual de visão de mundo, eu preciso da práxis [7], preciso mudar o mundo em que vivo para só assim poder me desalienar.

Séculos de discriminação racial e alienação colonial não serão superados com a legislação. Estado e todas instituições responsáveis precisam agir para a mudança desse mundo, tal qual a constante luta do movimento negro por mudanças concretas ao longo da história brasileira. É preciso migrar do campo da subjetividade para a objetividade.

Dessa forma, finalizo esse texto sem uma conclusão, finalizo evocando a pergunta inicial para você: como a Educação Física, pautada em uma perspectiva de uma cultura corporal [8] e responsável tratar a as diversas manifestações corporais e suas representações simbólicas na cultura brasileira, pode se transformar e ressignificar para contribuir na promoção da igualdade racial?

[7] *Em uma inspiração freireana assumo o conceito de práxis como prática indissociável de teoria, na qual as teorias, valores e crenças são postos em prática cotidianas a partir das experiências vividas. Ela permite conhecer o mundo a partir de nossas práticas e de possibilitar que nossos saberes se configurem em ações práticas concretas, pondo fim à dicotomia entre os dois campos.*

[8] *Conceito que define um "acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como forma de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas" (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.38)*

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense,1994, p. 197-221.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física.** São Paulo: Cortez, 1992

CRENSHAW, Kimberle. **A intersecionalidade na discriminação de raça e gênero.** VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004.

DELORY-MOMBERGER, C. **Formação e Socialização: os ateliês biográficos de projetos.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, maio/ago, 2006.

EVARISTO, Conceição. **Destaque Conceição Evaristo.** Revista Conexão Literatura, p. 5-10, nº 24, junho - 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Bahia: Editora Edufba, 2008

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 50 ed., 2014.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação.** Rev. Bras. Educ. Rio de Janeiro: n. 23, mai./ago., p.75-85, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o "não mais" e o "ainda não": pensando saídas do não lugar da EF escolar II. **Cadernos de formação RBCE**, v. 1, n. 2, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. 12ª ed. 64 p.

LINS RODRIGUES, A. César. "**A Educação Física escolar e LDB: assumindo a responsabilidade na aplicação das Leis 10.639/03 e 11.645/08.**" Reflexão e Ação 18.1 (2010): 125-150.

MARANHÃO, Fabiano. **Relações étnico-raciais no contexto da Educação Física Brasileira.** Educação física escolar e relações étnico-raciais: subsídios para a implementação das leis, v. 10, n. 03, p. 59-70, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Oralidade e letramento.** In: _____. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2004.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Marrten. O que é escolar?. In: **Em defesa da escola – Uma questão pública.** Autêntica Editora, 2ª ed, 2014. p. 25-103.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. **A Negação do Corpo Negro: representações sobre o corpo no ensino da educação física**' 01/03/2007 196 f. Mestrado em EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO

DA BAHIA, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca Luiz Henrique Dias Tavares

PINHO, Vilma Aparecida de. Relações Raciais no Cotidiano Escolar: Percepções de Professores de Educação Física sobre Alunos Negros. 141f. Mestrado em Educação, Instituo de Educação: Universidade Federal de Mato Grosso. 2004.

SUÁREZ, D. Documentación Narrativa e Experiencias y Viajes Pedagógicos. Fasciculo 2. Qué es la Documentación Narrativa de Experiencias Pedagógicas? Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnologia. Laboratorio de Politicas Públicas. Buenos Aires, 2007.

VAGO, Tarcísio Mauro. Rumos da Educação Física escolar: o que foi, o que é, o que poderia ser. II EnFEFE - Encontro Fluminense de Educação Física Escolar. 1997.

VAGO, Tarcísio Mauro. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. Cadernos de formação RBCE, v. 1, n. 1, p.25-42, 2009.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A maquinaria escolar. Teoria & Educação, v. 6, p. 68-96, 1992.

Ilustrações -
Isadora de Paula
Victória Beatriz
Izabella Dafne
Camila Borges
Beatriz Nogueira

Projeto Gráfico - Thaís Geckseni
Fontes - Bebas neue e Arial
Papéis - Couchê fosco 300g/m² e
polén bold 80 g/m²

Dezembro de 2018

izan veras gomes